

“A falta que ama”: humanismo e amor em Carlos Drummond de Andrade

Isaías Gabriel Franco*

Resumo

Este artigo tem como objetivo refletir sobre as especificidades do humanismo poético formulado por Carlos Drummond de Andrade no poema “A falta que ama”, poema do livro homônimo publicado em 1968. Partindo de um diálogo com a Filosofia, nossa interpretação levanta como hipótese que o humanismo poético de Drummond se enuncia pelo realce da dimensão de limitação e contingência concernentes ao humano. Dessa forma, em desdobramento, o humanismo poético drummondiano confere significações singulares à concepção de amor, por ele entendido como uma experiência intersubjetiva na qual a falta ou insuficiência é elemento crucial, possibilitando a reelaboração permanente de um sujeito em função de aspirações e desejos por ele projetados em um outro, dinâmica por vezes dotada de reciprocidade afetiva e, portanto, de mútua transformação interpessoal. Com isso, consideramos ser possível vislumbrar, na poesia de Drummond, uma alternativa aos dilemas do autoencarceramento afetivo contemporâneo.

Palavras-chave: Humanismo filosófico; poesia; Carlos Drummond de Andrade.

* Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Mestre e doutorando em História. ORCID: 0000-0002-9856-0203.

“A falta que ama”: Humanism and love in Carlos Drummond de Andrade

Abstract

This article aims to reflect on the specificities of poetic humanism formulated by Carlos Drummond de Andrade through a poem *A falta que ama*, from the homonymous book published in 1968. Starting from a dialogue with Philosophy, our interpretation raises as a hypothesis, that Drummond’s poetic humanism is expressed by the emphasis on the dimension of limitation and contingency concerning the human. In this way, in unfolding, Drummond’s poetic humanism gives unique meanings to the concept of love, understood by him as an intersubjective experience in which lack or insufficiency is a crucial element, enabling the permanent re-elaboration of a subject in terms of aspirations and desires for him. projected onto another, dynamics sometimes endowed with affective reciprocity and, therefore, mutual interpersonal transformation. With this, we consider it possible to glimpse, in Drummond’s poetry, an alternative to the dilemmas of contemporary affective self-incarceration

Keywords: Philosophical Humanism, Poetry, Carlos Drummond de Andrade.

Recebido em: 18/08/2022 // Aceito em: 27/12/2022

Introdução

A falta que ama

Entre areia, sol e grama
o que se esquia se dá,
enquanto a falta que ama
procura alguém que não há.

Está coberto de terra,
forrado de esquecimento.
Onde a vista mais se aferra,
a dália é toda cimento.

A transparência da hora
corrói ângulos obscuros:
cantiga que não implora
nem ri, patinando muros.

Já nem se escuta a poeira
que o gesto espalha no chão.
A vida conta-se, inteira,
em letras de conclusão.

Por que é que revoa à toa
o pensamento, na luz?
E por que nunca se escoa
o tempo, chaga sem pus?

O inseto petrificado
na concha ardente do dia
une o tédio do passado
a uma futura energia.

No solo vira semente?
Vai tudo recomençar?
É a falta ou ele que sente
o sonho do verbo amar?

(ANDRADE, 1973, p. 144-145).

Mineiro de Itabira, Carlos Drummond de Andrade foi múltiplo, tanto na trajetória biográfico-existencial quanto nas atividades literárias que exerceu ao longo de sua vida.¹ Nascido em 1902, neto de um capitão e proprietário de terras, foi o quarto filho de um fazendeiro com poderes políticos na esfera local. Entre os anos 1923-1925, cursou Farmácia em Belo Horizonte e casou-se com Dolores de Moraes. Em seguida, atuou como jornalista dos periódicos **Diário de Minas** e **Minas Gerais** e exerceu as funções de funcionário da Secretaria de Educação, oficial de gabinete e chefe de gabinete do Ministério da Educação e Saúde do Estado Novo. Mas em meio aos cargos de prestígio, foi a poesia que tornou Drummond uma figura conhecida.² Morreu em 17 de agosto de 1987,³ sendo sintomático de sua importância literária as inúmeras coberturas e homenagens que lhe foram dedicadas pela mídia da época (MEMÓRIA GLOBO, 2021).

Drummond, a despeito de se alocar durante algumas décadas dentro do aparato do Executivo federal, não deixou de publicar poemas e livros com forte pendor político. Dessa maneira, ele se alinhava a mudanças socioculturais que traziam uma crescente “politização da literatura no Ocidente”, em termos usados por Marcelo Bortoloti (2021). Drummond manteve, inclusive, uma proximidade com o Partido Comunista da época:

Postura rara entre os autores brasileiros, Drummond irá assumir nos anos seguintes uma inequívoca verve social, colocando-se no papel de agente transformador da sociedade. Nos livros que publicou entre 1935 e 1945

1 “A lírica de Drummond expande-se por muitas formas: o ‘poema das sete faces’ já dava conta, desde o início, dessa inclinação pluralista [...]” (VILLAÇA, 2006, p.110).

2 Sem desmerecer ou colocar em crédito a poesia de Carlos Drummond de Andrade, não desconsideramos aqui que o jogo com os poderes políticos contribuiu para que Drummond alçasse o lugar social que o permitiu tornar-se conhecido e sagrado como figura literária. (MICELI, 2022).

3 Faleceu em decorrência de um infarto do miocárdio e de insuficiência respiratória, apenas doze dias após a morte de sua filha, Maria Julieta Drummond de Andrade, vitimada por um câncer (MEMÓRIA GLOBO, 2021).

– **Sentimento do mundo** (1940), **José** (1942) e **A rosa do povo** (1945) – incorporou conceitos comunistas de pátria sem fronteiras, união entre os homens, injustiça social, alienação pela sociedade de consumo e crença num amanhã melhor. (BORTOLOTTI, 2021, p. 261).⁴

Tal envolvimento trouxe a Drummond um duplo desafio. Por um lado, era preciso “conciliar o trabalho literário ao encosto burocrático” (MICELI, 2022, p. 44). De forma concomitante, era preciso escrever sem incorrer na repressão de Estado, que o impediria de publicar a sua poesia de viés político e social (BORTOLOTTI, 2021, p. 264). Tal atividade, de pendor literário, iniciou-se em 1930 com **Alguma Poesia**, o primeiro dos muitos livros por ele publicados ao longo de sua vida (MICELI, 2022) numa produção apenas encerrada com a edição póstuma de **Farewell** (1996).

Essa articulação entre engajamento sociopolítico e produção poética parece sugerir um humanismo norteador do imaginário drummondiano. Mostra-se imprescindível, porém, historicizar esse termo, para que então possa ser associado à produção literária de Drummond:

A perspectiva humanista, uma das formulações filosófico-políticas da modernidade, não porta um sentido unívoco, pelo contrário. Raymond Williams remonta o termo aos séculos XV-XVI, quando era utilizado para demarcar saberes distintos da teologia, tornando-se equivalente aos estudos clássicos.⁵ Assim, já no século XVIII, humanismo passou a designar os letrados, filósofos e artistas do movimento renascentista,

4 Em contrapartida à parca interface entre literatura e política de esquerda no Brasil nos anos 1930 e 1940, é possível traçar um paralelismo entre Drummond e escritores de outros países que também portavam em sua escrita literária e poética um engajamento bem afeito ao comunismo: “como os chilenos Pablo Neruda e Vicente Huidobro, os espanhóis Miguel Hernandez, Rafael Alberti e Vicente Aleixandre, os franceses Paul Éluard e Louis Aragon, o russo Vladimir Maiakóvski, o argentino Raúl Gonzáles Tuñón, o cubano Nicolás Guillén e boa parte dos poetas do neorrealismo português, como Joaquim Namorado e Mário Dionísio.” (BORTOLOTTI, 2021, p. 261).

5 Os autores reportam-se à obra WILLIAMS, Raymond. **Palavras-chave**: um vocabulário de cultura e sociedade. São Paulo: Boitempo, 2007.

isto é, aqueles que, tomando por base premissas greco-romanas, valorizavam as realizações humanas e defendiam a validade de uma cultura laica. Desde então, o vocábulo passou a ser empregado de forma bastante genérica: como afirma o historiador Hugo Villaça Duarte,⁶ trata-se de um “amplo conjunto de correntes filosóficas empenhadas em refletir e debater o tema do ‘homem’”—ou seja, sobre o que é humano, indicando os critérios para a realização do homem, ou mesmo para a emancipação da humanidade em geral. É nesta acepção que podemos falar, por exemplo, em humanismo burguês, humanismo cristão e, inclusive, humanismo marxista [...] (BUARQUE; BUSCACIO, 2019, p. 17).

Cabe, assim, também vislumbrar, no caso de Drummond, um humanismo poético. Afinal, “seu envolvimento [de Drummond] com a situação coletiva, com a temática do ‘choque social’, não o levou a deixar de lado nem a qualidade poética de seus versos, nem os grandes temas do eu e do ‘estar-no-mundo’ (o amor, a família, o tempo, a velhice), nem a reflexão metalinguística ou metapoética, ou seja, a consideração poética da própria poesia [...]” (ACHCAR, 2000, p. 50). Dessa maneira, é importante esclarecer que:

O humanismo de Drummond não deve ser compreendido no sentido rigoroso do termo, a partir de seu surgimento, no Iluminismo e no Renascimento. [...] Drummond não pratica os humanismos de ofício, e por uma razão muito simples: não se cola à escola filosófica, movimento intelectual ou autor humanista [...]. Se o poeta não tem *parti pris* filosófico ou movimento intelectual pré-definido, é porque segue livre seu próprio caminho, colhendo *in nuce* as filosofias e correntes estéticas do tempo. Suas escolhas intelectuais são, na verdade, consequências de seu próprio lirismo. É só no interior do lirismo que encontramos a imagem do humanismo,

⁶ Trata-se da obra DUARTE, Villaça Hugo. **Ação Popular e a questão do humanismo: das origens cristãs ao marxismo** (1963-1973). 2010. 133f. Dissertação (Mestrado em História). Niterói, Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, 2010.

reforçado por ideais modernistas. Entendemos por lirismo o pressuposto de que a experiência poética não é feita de conceitos ou de ideias, mas de sentimentos que compõem uma imagem de mundo abrangente e completa [...] (PERIUS, 2015, p. 235).

Este artigo tem como objetivo refletir sobre as especificidades do humanismo poético formulado por Drummond em um poema em particular, “A falta que ama”, do livro homônimo publicado em 1968. Como hipótese, sugerimos que o humanismo poético de Drummond se enuncia pelo realce da dimensão de limitação e contingência concernentes ao humano, na “certeza da impossibilidade de administração das contradições” (VILLAÇA, 2006, p.15). Dessa forma, em desdobramento, o humanismo poético drummondiano confere significações singulares à concepção de amor, por ele entendido como uma experiência intersubjetiva na qual a falta ou insuficiência é elemento crucial, possibilitando a reelaboração permanente de um sujeito em função de aspirações e desejos por ele projetados em um outro, dinâmica por vezes dotada de reciprocidade afetiva e, portanto, de mútua transformação interpessoal.

Humanismo e poesia

Desde **Alguma Poesia**, lançado em 1930,⁷ Drummond realça uma particular condição humana: a de certa incompletude nas vivências no mundo:

Na primeira poesia de Drummond – e de algum modo em todos os momentos essenciais de sua trajetória – o sentimento das experiências vividas ou projetadas manifesta-se como incompletude, às vezes declarada

⁷ Que teve o “Poema das Sete Faces” como uma de suas poesias mais conhecidas.

com todas as letras, às vezes mascarada, sublinhada ou ironizada. De início, há o grande álibi do fatalismo sentimental, que o poeta absorve como chancela de uma personalidade *gauche*,⁸ condenada à insuficiência no nascedouro [...] (VILLAÇA, 2006, p. 13).

Destacando poeticamente a experiência da insuficiência e da carência, Drummond ensaia, já nesse primeiro de seus livros, uma condição que para Alcides Villaça é fundante da escrita do autor como um todo:

Entre a seca objetividade e a paixão revivida à margem do sublime, trava-se a relação desidentificadora que está na base da poesia de Drummond: a verdade última dos afetos não tem expressão possível, e toda tentativa de maior alcance esbarrará na produção canhestra de um símbolo precário [...] A verdade íntima é a da carência. (VILLAÇA, 2006, p. 30).

Efetivamente, “o humanismo de Drummond é o projeto de uma ação absolutamente contingente e sua eficácia, sem garantias. A humanização é uma possibilidade da existência concreta que pode não acontecer [...]” (PERIUS, 2015, p. 252).

Essa dimensão de um “humanismo frágil”, bastante distinto dos discursos valorizadores da potência do cogito cartesiano na construção de uma civilização pautada na ciência e tecnologia, também se fazia presente em outros intelectuais e literatos, sobretudo no decorrer e no imediato pós-Segunda Guerra Mundial. Em desdobramento, era igualmente questionado um humanismo de viés essencialista ou metafísico, por várias décadas imperante no pensamento filosófico. Novos humanismos

⁸ Drummond se autodefiniu no “Poema das Sete Faces” como *gauche*, ou seja, numa tradução literal do francês, como “à esquerda”. Porém, mais do que uma conotação político-partidária, a palavra ganha contornos metafóricos na obra e vida do escritor, estando associada à definição de uma personalidade desviante, à contramão do que os outros faziam ou diziam. Por sua vez, ela se associa à introspecção adotada pelo autor em suas vivências e expressa em sua poesia: o “homem atrás do bigode/é sério, simples e forte./ Quase não conversa.” (ANDRADE, s.d. *apud* VILLAÇA, 2006, p. 20).

filosóficos, portanto, emergiam, como o de Jean-Paul Sartre, em seu emblemático texto **O Existencialismo é um humanismo**, de 1946, ou o de Heidegger, em sua **Carta sobre o humanismo**, publicada em 1947, em que se questionava o uso do termo que remeteria a uma perspectiva subjetivista e de separação entre sujeito e objeto (MAGALHÃES, 2016, p. 12). Também no pensamento marxista o humanismo adquiriu novas conotações:

[...] foi sobretudo a partir do final da II Guerra Mundial que diferentes autores do Ocidente desenvolveram uma reflexão acerca do que ficou conhecido, em linhas gerais, como “humanismo marxista”, a exemplo de Ernst Bloch na Alemanha, Roger Garaudy na França, Rodolfo Mondolfo na Itália, Erich Fromm e Herbert Marcuse nos Estados Unidos. Seus escritos sustentavam, de diferentes maneiras, que o marxismo possui um “rosto humano”, pois porta como problemática central a defesa da libertação dos sujeitos de toda forma de opressão. Todavia, tal interpretação também provocou uma crítica desses pensadores ao regime soviético, devido à imposição aí promovida de uma doutrina “ortodoxa” sobre o marxismo, bem como da dura repressão e censura stalinistas. Movimento similar também constituiu-se no Leste Europeu, principalmente com Adam Shaff na Polônia e George Lukács na Hungria, inclusive em período pouco anterior ao Ocidente. Estes autores, ao mesmo tempo em que criticavam a leitura do marxismo como ciência em viés positivista, destacavam sua dimensão humanizante, orientada para a libertação do ser humano de todas as alienações que lhe foram imputadas pelo sistema capitalista [...] (BUARQUE; BUSCACIO, 2019, p. 18).

Ora, Drummond, ao mesmo tempo que se apresentava como um leitor atualizado das principais publicações filosóficas e culturais do seu tempo, apropriava-se de tais discussões com uma verve poética, ressignificando-as a partir de seu eu-lírico. Um exemplo encontra-se na menção à falta que perpassa o poema

“Vida Menor”, publicado no livro **Rosa do Povo** em 1945:

A fuga do real,
ainda mais longe a fuga do feérico,
mais longe de tudo, a fuga de si mesmo,
a fuga da fuga, o exílio
sem água e palavra, a perda
voluntária de amor e memória,
o eco
já não correspondendo ao apelo, e este fundindo-se,
a mão tornando-se enorme e desaparecendo
desfigurada, todos os gestos afinal impossíveis,
senão inúteis,
a desnecessidade do canto, a limpeza
da cor, nem braço a mover-se nem unha crescendo.
Não a morte, contudo.
Mas a vida: captada em sua forma irredutível,
já sem ornato ou comentário melódico,
vida a que aspiramos como paz no cansaço
(não a morte),
vida mínima, essencial; um início; um sono;
menos que terra, sem calor; sem ciência nem ironia;
o que se possa desejar de menos cruel: vida
em que o ar, não respirado, mas me envolva;
nenhum gasto de tecidos; ausência deles;
confusão entre manhã e tarde, já sem dor,
porque o tempo não mais se divide em seções; o tempo
elidido, domado.
Não o morto nem o eterno ou o divino,
apenas o vivo, o pequenino, calado, indiferente
e solitário vivo.
Isso eu procuro.

(ANDRADE, 1987, p. 139-140).

Para Jaime Ginzburg, que tece uma interpretação interessante do poema, “encontramos em ‘Vida menor’ uma perspectiva melancólica, principalmente pelo impacto das perdas, envolvendo o amor e a memória, perdas constitutivas que, remetendo ao conjunto de imagens, acentuam a impossibilidade de estabelecer uma expectativa de experiências plenas.”

(GINZBURG, 2007, p. 115). Ou seja, também uma experiência da condição humana vivida na falta.

A falta que ama

O livro **A falta que ama** foi publicado originalmente em 1968,⁹ com 29 poemas constitutivos. Nele, não há uma divisão interna das poesias, que se encadeiam de forma sequencial, iniciando com “Discurso” e fechando com “A Torre Sem Degraus”. Publicado no mesmo ano que **Boitempo**, o livro é do período em que Drummond inicia uma “empreitada memorialística” e se insere assim num conjunto de publicações em que ele traz a lume suas experiências de infância e adolescência em **Menino Antigo (Boitempo II, 1973)** e **Esquecer para lembrar (Boitempo III, 1979)**.¹⁰

Em **A falta que ama**, Drummond irá assim privilegiar a remissão a memórias de experiências familiares e intimistas, já presentes em **Alguma poesia**, primeiro dos livros do poeta:

O recuo ao mundo familiar logo no começo de **Alguma poesia** significa a revelação de um cordão umbilical. Dependente das origens que o protegem do mundo, o menino entre mangueiras sabe que sua ilha é a família. Em sua classe ele se refugia, emoldurando a si mesmo na fotografia de um passado aristocrático. A ambiguidade consiste em desejar ser moderno e ao mesmo tempo estar preso as raízes que todavia se esfacelaram. A integridade da memória, sobre a qual repousa a identidade individual, existe apenas no retrato que, acusando ausências, pende e dói na parede. (MARQUES, 2011, p. 71).

⁹ A poesia “A falta que ama” foi depois publicada separadamente ao livro de 1968.

¹⁰ Segundo Alcides Villaça, tal empreitada teria sido “o último empuxe de fôlego da poesia de Drummond” (VILLAÇA, 2006, p. 113).

O mesmo tom confessional também se encontrava presente em outras obras e foi explicitado pelo próprio Drummond em depoimento de 1953: “Minha poesia é autobiográfica. [...] É uma confissão, talvez a primeira forma de uma obra literária [...]” (ANDRADE, s.d. *apud* MARQUES, 2011, p. 68).¹¹ Assim sendo, interpreta Ivan Marques:

[...] quem se interessar pelos miúdos acontecimentos da vida do autor, basta passar os olhos por esses nove volumes que, sob pequenos disfarces, dão a sua ficha civil, intelectual, sentimental, moral e até comercial... Lá estão a infância em Itabira, o colégio em Friburgo, a adolescência vadia em Belo Horizonte, a tentativa fazendeira logo frustrada, a profissão burocrática e jornalística, as fumaças políticas que felizmente se desvaneceram, a misantropia do suposto poeta, seus hábitos, gostos, implicâncias, leituras, incompreensões e esforços por romper a carapaça e meter os peitos na correnteza da vida. (MARQUES, 2011, p. 68).

O que faz jus ao que afirma a historiadora da literatura Geneviève Bollème: “Nunca se escreve senão para viver, a fim de fazer face a uma situação, para explicar, justificar-se, informar, dirigir-se, apelar, queixar-se, sofrer menos, fazer-se amar, dar-se prazer [...] O relato, o escrito, o livro são aventuras de uma reinvidicação existencial.” (BOLLÈME, 1988, p. 201).

Uma segunda referência temática em **A falta que ama** é a busca por permanências frente ao finito e o contingente, como indica Patrícia Antônio: “E, nesse curto espaço da existência, cujo tempo vai sempre em direção ao final ou à ausência, é que o desejo de ir além parece florescer. Esses indícios estão muito claros em ‘O deus mal informado’, ‘A voz’, ‘Diálogo’, ‘Broto’, ‘Elegia transitiva’, ‘O fim no começo’, ‘Halley’, ‘Comunhão’, ‘Falta pouco’.” (ANTONIO, 2014, p. 230).

¹¹ Texto de Carlos Drummond de Andrade publicado em 1953 no *Jornal de Letras*, p. 5.

Não obstante, um aspecto de crucial importância para nossa reflexão é que, nesse livro, Drummond parece evidenciar as lacunas e ausências patentes à constituição da vida. Logo no primeiro poema, intitulado “Discurso”, são apresentadas incapacidades humanas. Segundo Patrícia Antônio:

[...] traz uma gradação que vai do agônico à paz, esta última como uma espécie de fórmula encontrável, essa eternidade reside sempre na treva, no incomunicável, na falta que ama, que é como o beijo dos morituros conseqüentemente. Uma espécie de brilho em meio à treva cintila pelas composições, uma iluminação inesperada. (ANTÔNIO, 2014, p. 230).

Assim, do início, onde lê-se “Eternidade:/ os morituros te saúdam [...]” (ANDRADE, 1973, p. 141), até o final “Eternidade, / os morituros te beijaram.” (ANDRADE, 1973, p. 142), há uma espécie de elogio ao incomunicável, sempre presente: “Incomunicável/ o que deciframos de ti/e nem a nós mesmos confessamos.” (ANDRADE, 1973, p. 141). Para José Guilherme Melchior: “uma parte expressiva de **A falta que ama** celebra a imprevisível epifania do ser.” (MELCHIOR, 1976 *apud* ANTÔNIO, 2014, p. 230).¹²

Outro exemplo encontra-se na poesia “Tu? Eu?”, na qual a insatisfação é retomada, pela incerteza e incompreensão das coisas da vida: “Não morres satisfeito./ A vida te viveu/ Sem que vivesses nela. [...] E a procura do tiro/ e do atirador/ (nem sequer tinha mãos),/ a procura , a procura/ da razão de procura./ Não morres satisfeito,/ morres desinformado.” (ANDRADE, 1973, p. 179-181).

¹² A obra referida é MELCHIOR, José Guilherme. O último lirismo de Drummond. In: MELCHIOR, José Guilherme. **Verso universo em Drummond**. Tradução de Marly de Oliveira. Rio de Janeiro: J. Olympio; São Paulo: SECCT, 1976. p. 236.

Pode-se, assim, inferir que, nas linhas de fundo sob as quais parte desse livro é construído, Drummond trata de assuntos transversais à vulnerabilidade da existência humana: memórias, afetos, mas também contradições da realidade brasileira.

No entanto, uma experiência especial, para a qual gostaríamos de chamar a atenção, é destacada já no título da obra: o amor. Tema que obviamente foi também tratado em outros poemas e obras do autor, sendo-nos já conhecidos poemas como “O amor bate na Aorta”, “Balada de amor através das idades”, “Quadrilha” etc. No livro **A falta que ama**, o amor é explicitamente abordado no poema “Acontecimento”, espécie de vivência considerada como uma manifestação que desestabiliza pela ausência e pela falta criada:

O sangue dos bodes e dos touros
seca no Antigo Testamento.
O maná e a vara dentro da urna
de ouro
desaparecem. Na planície
balouça unicamente
o berço
de feno, concha lumiada
pelo clarão do Paraclito
que é justiça e consolo,
com uma cruz dormindo entre cordeiros.
Nova palavra – Amor – é descoberta
nas cinzas outra igual e já sem música.
Desde então, fere mais a nostalgia
do sempre, em nosso barro.
(ANDRADE, 1973, p. 156).

Nesse poema, parte da história bíblica é revisitada, trazendo à tona, pelo nascimento que parece ser o de Cristo e o do amor, algo que romperia com a condição anterior. Um acontecimento quebra assim a atmosfera precedente, trazendo a nostalgia e aflição na vida humana (em seu barro constituinte). Drummond

parece sugerir nesses versos que o amor, quando descoberto (por isso ele vem isolado e com letra maiúscula no meio do verso), desinquieta o humano por ser falta, por gerar nostalgia.

Ainda mais especificamente, o amor perpassa o poema “A falta que ama”, “nos foros de uma verdadeira humanização, em busca de alguém que não há.” (ANTONIO, 2014, p. 232). Uma colocação como essa, posta em outros termos, parece sugerir que ali, “neste alguém que não há”, há alguma presença ausente, ou ao menos a sensação disso. Dado isto, para a voz poética do poema drummondiano, “a única certeza é a do desaparecimento e seu único desejo é o de permanecer. O seu caráter é o da ausência (na morte, no *tánatos*) e o seu estado é o do amor (desejo pela vida, o *Eros*) [...]” (ANTONIO, 2014, p. 232-233).

A argumentação da autora reforça assim nossa hipótese de que a formulação poética drummondiana, valorizando as dimensões de ausência ou carência, mantém um enlace com a perspectiva humanística da fragilidade dos sujeitos e de suas relações.

Sob o enfoque da recepção, não encontramos comentários sobre **A falta que ama** por parte da crítica literária e do público leitor. No entanto, Alcides Villaça oferece um relato sobre a receptividade de **Boitempo**, que, por ter sido publicado no mesmo ano e se aproximar em termos de temática, pode ser sintomático da tal receptividade:

Minha reação imediata à publicação do primeiro **Boitempo**, como a de muitos leitores de Drummond, marcou-se pelo sentimento de frustração de quem aguardava um novo movimento de uma grande sinfonia em processo e foi surpreendido com retalhos de música incidental. (VILLAÇA, 2006, p. 113).

Tal distinção sobressai sobretudo quando tal menção é cotejada à das demais obras do autor, como **Sentimento do Mundo** (1940), **José** (1942) e **A Rosa do Povo** (1945), que publicadas anteriormente possuem um nítido verve político. Vale atentar, porém, que **A falta que ama** foi publicada em 1968, ou seja, época de plena ditadura militar no Brasil, quando determinadas abordagens políticas contestatórias ao regime autoritário eram censuradas e seus autores perseguidos. Ademais, supor que a falta amorosa drummondiana mantivesse vínculos, ainda que indiretos ou mediatizados, com a sensibilidade de desesperança diante do contexto sócio-histórico no Brasil parece ser uma hipótese válida. Afinal, para o poeta, exatamente no poema seguinte a “A falta que ama”, a liberdade (que também intitula o poema), é um “sonho de fim-de-semana/sem analista” (ANDRADE, 1973, p. 146).¹³

Nessa conjuntura, vale também ressaltar que a relação de Drummond com o Partido Comunista (PC) se mostrou tensional no imediato pós-Segunda Guerra, quando o PC foi colocado na ilegalidade e o mandado de seus deputados, como Jorge Amado, foi caçado. Daí o próprio marxismo ter se tornado um ideário mais nostálgico do que utópico para Drummond:

Drummond se manteve afastado desses episódios, mas viu crescer uma radicalização ideológica no país. Sem possibilidade de concorrer nas eleições, os militantes do PC passaram a disputar espaço em entidades civis. E um dos palcos da disputa política foi a Associação

¹³ Vale observar, contudo, que embora talvez fizesse referências implícitas à situação política, “o poeta nunca mais retornou ao engajamento afirmativo de **A rosa do povo**. Nos poemas e crônicas que escreveu até o final da vida, Drummond alternou o intimismo e a preocupação estética com um certo humanismo que pode ser considerado um tipo de resquício do poeta comunista. Mas o alheamento às questões políticas que passou a adotar lhe rendeu também fama de alienado e conservador. Em 1965, logo após o golpe militar no país, o poeta foi advertido por um leitor do Correio da manhã que criticava a temática de suas crônicas: ‘No mesmo dia em que o seu jornal analisa a grave ameaça que representa para a vida brasileira o período da ditadura, vossa senhoria se compraz em falar sobre palmeiras’. (MELO, 1965). A justiça deste tipo de crítica caberá a um estudo futuro avaliar.” (BORTOLOTTI, 2020, p.17). O autor reporta-se a MELO, Sérgio. [Correspondência]. Destinatário: Carlos Drummond de Andrade. Rio de Janeiro, 5 de outubro de 1965. Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

Brasileira de Escritores (ABDE), organização bastante representativa no período, da qual o poeta era um dos fundadores. Drummond fez o possível para que a associação permanecesse desvinculada de qualquer orientação político-partidária. Começa aí a sua rixa com o partido. Em meio à disputa, o jornalista e escritor Moacir Werneck de Castro publicou um artigo chamando o poeta de “político frustrado”, o que o deixou furioso. Em seu diário, pela primeira vez Drummond refere-se aos comunistas como “eles” [...] (BORTOLOTTI, 2013, s.p.).

Não obstante, apesar de, a partir dessa ruptura, Drummond apresentar certa descrença e indisposição para com a política, ele não deixou de acreditar no papel que o escritor assumiria na vida pública:

Após o rompimento com os comunistas, Drummond mostrava-se amplamente desiludido com este gênero de poesia que chegou a praticar em seus livros dos anos 1930 e 1940, sobretudo em **A Rosa do Povo**. Em 1954, numa carta ao amigo Cyro dos Anjos, o poeta escreveu que estava preparando para a editora José Olympio uma edição de suas poesias completas, “por sinal que com certo nojo da fase política de minha versalhada, que pensei até em suprimir, mas, refletindo melhor, achei acertado manter, publicando talvez uma nota explicativa”. Isso não significava, no entanto, uma descrença no papel do escritor enquanto agente da vida pública, como o poeta quis sugerir ao negar sua participação na revista paulistana. Se por um lado sua poesia deixava de incorporar os temas sociais, a participação cívica na vida política nacional continuava vigorosa, agora com a postura anticomunista. No ano de 1950, Drummond apoiou Cristiano Machado, candidato escolhido por Dutra para ser seu sucessor. Numa experiência única em sua trajetória, o poeta elaborou os discursos políticos que animaram a campanha. (BORTOLOTTI, 2020, p. 15).¹⁴

¹⁴ A obra referida é: ANDRADE, Carlos Drummond de; ANJOS, Cyro dos. **Cyro & Drummond**. São Paulo: Editora Globo, 2012.

Talvez em função desse diferencial de **A falta que ama**, se o livro for considerado em relação às obras anteriores, não se apresenta como uma publicação muito conhecida.¹⁵

O amor como falta na filosofia, em diálogo com a poética drummondiana

Entendido de diversas e importantes maneiras pela cultura ocidental e, por isso mesmo, pela reflexão filosófica, o amor é cantado e prosado desde priscas eras pelas mais diferentes vozes e estilos literários. Efetivamente, é um tema sob o qual muito se dissertou, figurando em diversas obras clássicas da literatura mundial: se não como trama aliciadora e temática central, ao menos como pano de fundo sob o qual se desenrolam as narrativas e histórias. Apenas para fins de exemplificação, citamos aqui o Alcorão islâmico, a Bíblia cristã, os diálogos platônicos, os escritos de Santo Agostinho, de João da Cruz, de Teresa de Ávila, de Shakespeare, de Camões... Isso sem mencionar inúmeras outras obras, canções, composições e obras de arte inspirada nessa temática ao mesmo tempo tão central e tão instigante para o pensamento filosófico e humanístico.

[...] o amor não possui apenas uma origem mitológica, historicamente falando. Ele é um mito atuante ainda hoje entre nós, fazendo a sua parte a partir do “fundo antropológico mágico” sobre o qual se apoia a nossa cultura, por mais exasperadamente racional que ela seja, e que não podemos erradicar, como o prova, entre outras coisas, o prestígio das práticas mágicas, da

¹⁵ “Em meio à vasta fortuna crítica dedicada à obra de Carlos Drummond de Andrade, o lugar ocupado pela série de livros intitulada **Boitempo** é notadamente inferior se comparado à quantidade massiva de textos dedicados aos conjuntos de poemas lançados no período de 1930-1962, dito o mais profícuo do autor em termos qualitativos. Aliás, a crítica especializada assumiu uma certa frustração com a curva desenhada pela obra do itabirano, bem como a necessidade de alterar a chave do próprio olhar crítico.” (ANTONIO, 2014, p. 227).

astrologia, das feitiçarias, dos talismãs ou dos amuletos na era da informática. (FURTADO, 2008, p. 73).

Não obstante, a experiência amorosa poetizada por Carlos Drummond de Andrade é configurada a partir de uma historicidade própria, constituída no Ocidente ao longo do Oitocentos, no bojo do pensamento romântico e da subjetividade burguesa – com primazia aos afetos. De forma concomitante, foi inquirida pela psicanálise – que atentava às suas implicações inconscientes com a sexualidade –, sem deixar de ser exortada pelo cristianismo em sua dimensão de ágape.¹⁶ Desta forma, o amor não subsiste como um sentimento universal comum, ocorrente de forma similar em todos os tempos, espaços e sujeitos. Pelo contrário, ele é uma formulação histórico-cultural intersubjetiva que adquire conotações próprias a cada época e situações. Dessa maneira, cabe considerar que:

O amor romântico, quando se estabilizou como norma de conduta emocional na Europa, respondeu aos anseios de autonomia e felicidade pessoais inequivocamente criativos e enriquecedores. Sua íntima associação com a vida privada burguesa o transformou em um elemento de equilíbrio indispensável entre o desejo de felicidade individual e o compromisso com os ideais coletivos. No presente, o cenário mudou. O valor do amor foi hiperinflacionado e sua participação na dinâmica do bem comum chegou quase ao ponto zero. E à medida que efluía aceleradamente para o interior do privado, o romantismo assumia a forma da moeda forte da felicidade, junto com o sexo e o consumo. (COSTA, 1998, p. 19).

¹⁶ Da concepção grega ao cristianismo, o amor possuiu diferentes significados e pode ser entendido de três modos distintos a partir dos termos usados para designá-lo no Ocidente: *eros*, *philia* e *ágape*. *Eros*, denominação na mitologia grega para um deus, filho do Caos, seria de forma resumida, o amor ligado à sensualidade e ao desejo, “sempre como a força fundamental que garante a perpetuação dos seres e a coesão do universo.” (QUADROS, 2011, p.165). *Philia* seria o amor da amizade, que pela tradição, Aristóteles dividiu em três configurações, circunscritas respectivamente “aos interesses, prazeres ou virtude. Tendo a forma guiada pela virtude, a característica da verdadeira amizade.” (QUADROS, 2011, p. 170). Já o *ágape* remetia à tradição cristã e se reportaria ao amor doação, cujo modelo partiria da “doação originária da divindade aos humanos. Assim, o amor primeiramente (divinamente) recebido será realmente vivenciado a partir do momento que for ‘devolvido’ a Deus e compartilhado entre os homens, especialmente, pela caridade.” (QUADROS, 2011, p. 170).

Em paralelo, na moderna cultura ocidental, a linguagem, inclusive poética, vem sendo empregada como mediação para dotar a falta amorosa de significações possíveis, impedindo que ela alce dimensões desestruturantes tais que inviabilizem o estar no mundo. Justamente por isso, Júlia Kristeva (de 1941 até o presente), psicanalista e crítica literária búlgara, assevera que “a linguagem amorosa é voo de metáforas: é literatura [...]” (KRISTEVA, 1988, p. 21).

Assim, podem-se perceber confluências entre a concepção amorosa implícita ao poema “A falta que ama” – no qual o eu-lírico drummondiano é o de um sujeito que, sentindo a falta, em grande medida a reconhece como condição do amor – e a reflexão provinda da psicanálise, que associa tal concepção ao desejo de encontro, de relação e, até certo ponto, diluição e/ou fusão no outro (idealizado como a dimensão de completude da carência do “eu”):

O amor sugere um ponto de instabilidade em que o sujeito deixa de ser indivisível e aceita perder-se no outro, pelo outro. [...] O amor reside no narcisismo e na idealização. O ego projeta, glorificando-se ou destruindo-se, um outro idealizado: sublime, incomparável. Todos os discursos do amor trataram do narcisismo, constituindo-se em códigos de valores positivos, ideais. Teologia e literaturas convidam-nos a circunscrever no amor nosso território próprio, a nos fazermos próprios, para nos superarmos num Outro sublime, metáfora ou metonímia do supremo Bem. (KRISTEVA, 1988, p. 21-25).

Todavia, como indicado pelas reflexões filosóficas de Byung-Chul Han, esse sujeito erótico contemporâneo não tem conseguido, em termos socioculturais (e nos eventos intersubjetivos) atravessar a falta amorosa em direção a um outro, condição basilar para a saída de si:

A comunicação erótica da Antiguidade está longe de ser algo ameno. Segundo Vicino, o amor é a “pior das epidemias”. Ele é uma “transformação”. Ele “desapropria” as pessoas de sua própria natureza e as transfere para uma natureza “estranha”. Essa transformação e vulneração perfaz sua negatividade. Hoje, ela se perdeu totalmente através da crescente positividade e domesticação. Hoje permanecemos iguais e no outro só se busca ainda a confirmação de si mesmo. (HAN, 2019, p. 39).

Ou, como nos versos do poema drummondiano “A falta que ama”: “Está coberto de terra, / forrado de esquecimento. / Onde a vista mais se aferra, / a dália é toda cimento [...]”. O poema também descreve “O inseto petrificado / na concha ardente do dia”, sem que tal ardor o lance mais além.

Dessa forma, a experiência do amor como falta se encontra despotencializada, ou seja, incapaz de retirar o sujeito de uma condição de inércia, mobilizando-o em relação a uma alteridade, mas sem com isso buscar absolutizá-la ou destruí-la; pelo contrário, levando-o a percebê-la como expressão daquilo que ele próprio jamais virá a ser e, justamente por isso, suscitando-lhe o desejo de com ela estabelecer relações – de tecer uma experiência de amor. Instaura-se assim um desafio paradoxal, pois, segundo Byung-Chul Han, é apenas “o Eros que me arranca para fora de mim e para o outro pode vencer a depressão. O sujeito depressivo de desempenho é inteiramente desacoplado do outro.” (HAN, 2022, p. 119):

Confrontar-se com um ser humano significa, segundo Lévinas, “ser desvelado por um enigma”. Hoje, perdeu-se para nós essa experiência do outro como enigma ou mistério. O outro está inteiramente submetido à teleologia do usar, ao cálculo e avaliação econômica.

Ele se torna transparente. Ele é degradado a um objeto econômico. O outro como enigma, em contrapartida, furta-se a qualquer utilização. (HAN, 2022, p. 119).¹⁷

Essa inércia do sujeito que se fecha em si e não se abre ao outro seria fruto de uma sociedade na qual “não há mais nenhuma garantia, tampouco alguma certeza fundamental.” (TEIXEIRA, 2006, p. 209).

No entanto, os versos finais do poema sugerem o emergir de uma esperança, provinda de um sujeito que ainda se questiona: “No solo vira semente?/ Vai tudo recomeçar?/ É a falta ou ele que sente/ o sonho do verbo amar?”.

Dessa maneira, a pergunta de Drummond ao final do poema abre essa brecha de instabilidade criadora do amor, local de acesso ao **outro**. Para Han, um leitor de Nietzsche e também de Heidegger, a saída diante dessa situação, em grande parte causada pela enxurrada informacional desencadeada pelas redes, responsáveis também pelo “anestesiamento”,¹⁸ seria tanto um enfrentamento do que se vislumbra como um “fechar os olhos” como um olhar atento à verdade¹⁹ que se manifesta para além da fruição imediata e consumista: “Hoje é necessária uma revolução temporal, que gere um outro tempo, o tempo do outro, que não é um tempo do trabalho, uma revolução temporal que traga de volta para o tempo o seu aroma.” (HAN, 2021, p. 34). Ademais, segundo ele, junto a esse “fechar os olhos”, haveria a premência de tecer uma relação profícua com a alteridade: “o ser humano comunica para escapar à morte e para dar um sentido à vida. O diálogo representa uma forma bela de conclusão. Por

17 Ainda sobre isso: “O Eros é, segundo Lévinas, ‘inteiramente como a morte’. Ele é uma relação ao outro que ‘é impossível de traduzir no poder [können]. Justo a passividade do não poder/poder abre acesso ao outro.” (HAN, 2022, p. 117).

18 Atualmente, não na época de Drummond – que não viu o surgimento da internet.

19 Para Martin Heidegger, “Antes de falar, o homem deve novamente escutar, primeiro, o apelo do ser, sob o risco de, dócil a este apelo, pouco ou raramente algo lhe resta a dizer. Somente assim será devolvido à palavra o valor de sua essência e o homem será gratificado com a devolução da habitação para residir na verdade do ser.” (HEIDEGGER, 1983, p. 152).

isso ele pode promover o sentido.” (HAN, 2021, p. 39). Em culminância, para Han, “apenas o tempo do outro liberta o eu narcisista da depressão e da exaustão.” (HAN, 2021, p. 42).

É importante ressaltar, porém, que, para o filósofo sul-coreano, a relação com a alteridade (inclusive, portanto, a experiência amorosa) contém aspectos não só positivos (passíveis de fruição, de “curtidas”), mas também sofridos, pois a condição de falta perdura intransponível, mediada e expressa pela passagem do tempo e certeza de finitude. Tal aspecto, como bem aponta Patrícia Aparecida Antônio, ecoa nos versos drummondianos em **A falta que ama**:

Ora, mas a consciência da finitude, a pedra do tempo no sapato do poeta, não é vencida completamente pelo brilho imprevisível das coisas que essa poesia tão bem aponta. A morte permanece talvez como a força mais pungente nos poemas de **A falta que ama**, inclusive naquele que dá título à obra [...] (ANTONIO, 2014, p. 231).

Por isso, um mergulho abissal na falta que ama, no mistério do amar, na perda de si que se reelabora como modalidade de reconstituição de si através do outro, sempre na certeza não de permanecer, mas de ultrapassar, suscita desprendimentos existenciais e éticos que podem travestir-se de altruísmos e solidariedades comunitárias.

A “verdadeira vida” é esse momento em que, quando o desnudamento é maior, se chega a essa grande fraternidade, [...] [o] socorrer aquele que sofre ao nosso lado. [...] é um milagre humano: elevar-se acima das condições de que dependem nossas vidas para dirigir-se (auxiliar) alguém – tal é a realidade do pensamento. (BOLLÈME, 1988, p. 121-122).

Considerações finais

Proceder a um ensaio, em diálogo com a filosofia, acerca de uma poesia de Carlos Drummond de Andrade é uma tarefa especialmente exigente. Autor bastante estudado e com uma vasta obra literária (da prosa jornalística e da crônica à poesia), o mineiro de Itabira faz jus às “sete faces” anunciadas em sua poesia. Assumindo, porém, tal empreitada neste artigo, lançamos a hipótese de que o poema “A falta que ama”, porta uma concepção peculiar de amor, entendido como falta. Com isso, consideramos ser possível vislumbrar, na poesia de Drummond, uma alternativa aos dilemas do autoencarceramento afetivo contemporâneo, um humanismo poético que talvez se configure como “uma espécie de clima ou atmosfera (*Stimmung*) fundamental”, à la Walter Benjamin, que suscitasse a superação do *páthos* do egoísmo (RANGEL, 2016, p. 128).

[este] filósofo alemão, melancólico, descreve o horizonte histórico moderno como quase ou mesmo insuperável, no entanto, não se esquivava à necessidade de continuar se movimentando criticamente em seu interior, menos orientado pela esperança de deslocá-lo ou transformá-lo, ou seja, de provocar a sua rearticulação, do que simplesmente empenhado na tarefa de descrição e de resguardo do caráter de possibilidade que seria o da história, talvez em razão de uma espécie de amor (*caritas*), responsabilidade ou “fascínio” por esta tarefa. (RANGEL, 2016, p. 134).

Assim como Benjamin, Drummond, no poema “Não se mate”, lançado em 1962, como parte da **Antologia poética** organizada pelo próprio autor, se lança à experiência.

Carlos, sossegue, o amor
é isso que você está vendo:
hoje beija, amanhã não beija,
depois de amanhã é domingo
e segunda-feira ninguém sabe
o que será.

Inútil você resistir
ou mesmo suicidar-se.
Não se mate, oh não se mate,
reserve-se todo para
as bodas que ninguém sabe
quando virão,
se é que virão.

O amor, Carlos, você telúrico,
a noite passou em você,
e os recalques se sublimando,
lá dentro um barulho inefável,
rezas,
vítrolas,
santos que se persignam,
anúncios do melhor sabão,
barulho que ninguém sabe
de quê, pra quê.

Entretanto você caminha
melancólico e vertical.
Você é a palmeira, você é o grito
que ninguém ouviu no teatro
e as luzes todas se apagam.
O amor no escuro, não, no claro,
é sempre triste, meu filho, Carlos,
mas não diga nada a ninguém,
ninguém sabe nem saberá.

(ANDRADE, 2002, s.p.).

Apropriando-nos de uma frase de Júlia Kristeva, podemos dizer que os poemas de Drummond “nos permita[m] avaliar [...] em que ponto estamos hoje, em matéria de [humanismo e de] amor.” (KRISTEVA, 1988, p. 37).

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Boitempo & A falta que ama**. Rio de Janeiro: Sabiá, 1973.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Nova reunião**. Rio de Janeiro: Record, 1987. v. 1.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

ANTONIO, Patrícia Aparecida. Origens primeiras de um eu todo torto: Boitempo I & A falta que ama. In: PIRES, A. D.; ANDRADE, A. M. (org.). **No pomar de Drummond: nova seara crítica**. 1ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014, v. 1, p. 227-242.

ACHCAR, Francisco. **Carlos Drummond de Andrade**. São Paulo: Publifolha, 2000.

BOLLÈME, Geneviève. **O povo por escrito**. São Paulo: Livraria Martins Fontes 1988.

BORTOLOTI, Marco Marcelo. Drummond e a associação brasileira de escritores: desencontros e rupturas. **Revista Criação & Crítica**, v. 28, 5-19, 2020.

BORTOLOTI, Marco Marcelo. Drummond nos tempos de Capanema. **Revista Terceira Margem**, v. 25, n. 46, p. 259-277, 2021.

BORTOLOTI, Marco Marcelo. Drummond e o Partido Comunista. **Blog IMS**, 13 mar. 2013. Disponível em: <<https://blogdoims.com.br/drummond-e-o-partido-comunista-por-marcelo-bortoloti/>>. Acesso em: 22 maio 2022.

BUARQUE, Virgínia; BUSCACIO, Cesar Maia. **Humanismo, marxismo e música no diário de viagem de Carlota Santoro (1954-1955)**. Manaus: Secretaria de Cultura do Estado do Amazonas, 2019.

COSTA, Jurandir Freire. **Sem fraude nem favor**: estudos sobre o amor romântico. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

FURTADO, José Luiz. **Amor**. São Paulo: Globo, 2008.

GINZBURG, Jaime. Uma hipótese de ligação entre Carlos Drummond de Andrade e a poesia brasileira contemporânea: a “Vida menor”. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 29, p. 109-126, 2007.

HAN, Byung-Chul. **Agonia de Eros**. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

HAN, Byung- Chul. **Favor fechar os olhos**: em busca de outro tempo. Petrópolis RJ: Vozes, 2021.

HAN, Byung-Chul. **A expulsão do outro**: sociedade, percepção e comunicação hoje. Petrópolis RJ: Vozes, 2022.

HEIDEGGER, Martin. Carta sobre o humanismo. In: HEIDEGGER, Martin. **Conferências e escritos filosóficos**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p.147-175. (Coleção Os pensadores).

KRISTEVA, Júlia. **Histórias de amor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

MAGALHÃES, Ana Paula. **O direito no debate marxista sobre o humanismo**: Garaudy e Althusser. 2016. Dissertação (Mestrado em Filosofia e Teoria Geral do Direito) - Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

MARQUES, Ivan. **Cenas de um modernismo de província**. São Paulo: Ed. 34, 2011.

MEMÓRIA GLOBO: **Morte de Carlos Drummond de Andrade**. 2021. Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/morte-de-carlos-drummond-de-andrade/noticia/morte-de-carlos-drummond-de-andrade.html>>. Acesso em: 8 maio 2022.

- MICELI, Sérgio. **Lira mensageira**. São Paulo: Todavia, 2022.
- PERIUS, Cristiano. Drummond e o humanismo. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 19, n. 37, p. 233-253, 2. sem. 2015.
- QUADROS, Elton Moreira. Eros, Fília e Ágape: o amor do mundo grego à concepção cristã. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, v. 33, n. 2, p. 165-171, 19 dez. 2011.
- RANGEL, Marcelo de Mello. Melancolia e história em Walter Benjamin. **Ensaio Filosóficos**, v. XIV, p. 126-137, dez. 2016.
- TEIXEIRA, Evilázio Francisco Borges. Pós-modernidade e niilismo: um diálogo com Gianni Vattimo. In: GRIECO, Alfredo *et al.* (org.). **ALCEU**, 13 ed. Rio de Janeiro: PUC Rio, 2006, v. 7, p. 209-224.
- VILLAÇA, Alcides. **Passos de Drummond**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.